

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTOS DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CURRÍCULO  
CURSO DE PEDAGOGIA

SUMARA KELLY GOMES ALVES

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A VIVÊNCIA DISCENTE NA FORMAÇÃO COMO  
PEDAGOGA**

NATAL / RN  
2016

SUMARA KELLY GOMES ALVES

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A VIVÊNCIA DISCENTE NA FORMAÇÃO COMO  
PEDAGOGA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de Formação – apresentado ao Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Cristina Leandro de Paiva.

NATAL / RN

2016

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que tornou possível esses anos de luta e estudo nessa profissão e em segundo lugar dedico às crianças que foram fonte de inspiração para que um sonho se tornasse realidade.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que me deu forças para continuar nas inúmeras vezes que poderia ter desistido, mas Ele me deu forças para seguir em frente, mesmo diante das dificuldades.

A minha mãe Eliane, que mesmo expressando a preocupação em relação ao curso, sempre desmotivando, me fez seguir adiante.

A minha amiga e irmã de coração Claudia, que não sei como teria sido este curso sem sua convivência e amizade.

A minha professora orientadora, Cristina Leandro, um exemplo de professora, desde a primeira vez na disciplina de Educação Infantil.

Ao meu marido Gabriel, que esteve ao meu lado e me apoiou em toda minha trajetória.

A Universidade que me proporcionou a aquisição de muitos saberes. Aos Professores pelo conhecimento transmitido e generosidade.

Aos alunos com os quais pude aprender e ensinar durante a experiência em sala de aula.

## RESUMO

O presente Memorial de Formação traz os relatos do caminho decorrido na minha formação e objetiva descrever/refletir acerca das recordações desde o acesso a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) até a prática do estágio na educação infantil na formação em Pedagogia, destacando as experiências pessoais/profissionais adquiridas e a aquisição de novos conhecimentos. Demarca as mudanças decorrentes da aquisição desses conhecimentos e a conseqüente transformação da prática pedagógica, trazendo os componentes e atividades que deixaram marcas/lembranças especiais e foram de grande relevância para a minha realização pessoal e essencial à tão almejada formação acadêmica, como Antropologia e Educação, Fundamentos Psicológicos da Educação, Alfabetização e Letramento, Educação Especial em uma Perspectiva Inclusiva, Educação Infantil. No decorrer do curso de Pedagogia pude reavaliar minha prática e melhorar, crescer como pessoa e como profissional, e com isso, independente de qual é o melhor método ou teoria, o meu principal papel, como professora, é ensinar e aprender com as crianças que estão comigo e que passarão por mim durante minha trajetória como docente.

**Palavras-chave:** Pedagogia; Formação acadêmica; Vivência profissional.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 PEDAGOGIA: AS INFLUÊNCIAS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI....</b>	<b>8</b>
2.1 FORMAÇÃO ACADÊMICA: ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO.....	9
2.2 O ESTUDO DA PSICOLOGIA.....	13
2.3 O DESAFIO DE ENSINAR A LER E A ESCREVER.....	17
2.4 EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO OLHAR PARA A CRIANÇA.....	18
2.5 EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	20
<b>3 EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA: DO SONHO À REALIDADE.....</b>	<b>22</b>
<b>4 DA TEORIA À PRÁTICA.....</b>	<b>25</b>
<b>5 LETRAMENTO DIGITAL: MONITORIA DE TECNOLOGIAS DIGITAIS.</b>	<b>29</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
REFERÊNCIAS.....	33

## 1 APRESENTAÇÃO

*Escrevo. Esse fato irreduzível introduz uma ruptura entre o antes e o depois. Depende somente de mim, nesse instante, de escrever ou não; eu tenho a liberdade de tomar ou não a palavra que se enuncia por meu intermédio e de não fixar seu voo sob a forma de escrita destinada a durar.*

(George Gusdorf)

O presente Memorial de Formação, documento exigido como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura do Curso de Pedagogia, com habilitação em Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tem como objetivo lembrar minha trajetória acadêmica e experiência em sala de aula. Escrever este memorial significa reviver algumas memórias desde que iniciei na Universidade e no decorrer da vida acadêmica do curso de Pedagogia, lembrando algumas disciplinas que deixaram suas marcas, estágios, projetos, além das experiências e práticas vivenciadas na sala de aula, ao longo desses anos, que vieram a somar aos estudos empreendidos.

O memorial está dividido em cinco capítulos: no primeiro, está a apresentação e a explicação do que trata cada capítulo. No segundo capítulo, abordo as influências que levaram até o curso de pedagogia. No terceiro, relato a formação acadêmica em Letras Francês, como meu primeiro ingresso na UFRN e o novo trajeto na Universidade, através do curso de Pedagogia, refletindo sobre as disciplinas mais significativas. No quarto, trago as experiências vividas em sala de aula de educação infantil, durante o tempo de formação, relacionando a teoria estudada nas disciplinas com a prática presenciada. Por fim, no quinto capítulo, reflito sobre a importância da educação infantil e os novos conhecimentos.

## 2 PEDAGOGIA: AS INFLUÊNCIAS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

O curso de Pedagogia não foi a minha primeira opção. Na época em que decidi tentar o vestibular pela primeira vez, pensei em Letras e consegui alcançar o objetivo. Iniciando o curso em 2007, tentei esse curso talvez pela baixa concorrência na época, ou pelo histórico de ter vindo da rede estadual de ensino e pela falta de preparo escolar, além de ter concluído na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos.

Antes de mudar para o Curso de Pedagogia, ainda cheguei a cursar três anos de Letras Francês, de 2007 a 2010 na UFRN; no entanto, após realizar um estágio no ensino fundamental, em uma escola estadual, decidi que não daria continuidade ao curso de Letras, devido ao aumento da violência e das constantes ameaças aos professores, as quais aconteciam diariamente. Pude presenciar de perto os alunos armados dentro da escola, intimidando os colegas e professores. Diante dessa situação, o que resultou em mim foi o sentimento de extrema impotência.

Para Souza (2008), no que se refere à violência nas instituições escolares, é possível considerar que ela é inerente à ação pedagógica e não acontece somente dentro da instituição escolar, funcionando como mecanismo de reprodução das condições de dominação e subordinação de determinadas camadas, grupos ou classes. Segundo Koehler (2008), a violência na escola pode apresentar vertentes distintas, as quais afetam os indivíduos que participam das atividades deste espaço e pode resultar no fracasso do ambiente escolar. O autor cita que:

A violência escolar pode envolver tanto a violência entre Classes Sociais (violência macro) como a Violência Interpessoal (violência micro). No primeiro caso, a escola pode ser o cenário de atos praticados contra ela (vandalismo, incêndios criminosos ou atentados em geral). No entanto, a escola – enquanto organismo de mediação social – também pode ser veículo da violência de classe: a violência da exclusão e da discriminação cuja resultante maior tem sido o fracasso escolar (KOEHLER, 2008, p. 3).

Deste modo, a escola torna-se um local de reprodução das relações e da hierarquia social, como espaço favorável para reproduzir valores, padrões de comportamentos e modos de se vestir, sentir e agir, sempre de acordo com os grupos dominantes, colaborando para o aumento da desigualdade social (SOUZA, 2008).

Assim sendo, por causa do aumento desse tipo de violência, decidi então fazer outro vestibular. Optei por cursar uma área que me permitisse trabalhar com crianças menores, porque ainda existia dentro de mim a vontade de ser professora; dessa forma, desisti do curso de Letras. Iniciei o curso de Pedagogia e em 2011, abracei a presente área.

## **2.1 FORMAÇÃO ACADÊMICA: ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO**

No primeiro dia de aula do curso de Pedagogia, já foi possível me sentir em casa, pois, como já havia cursado três anos do curso anterior na mesma Universidade, o ambiente não foi



tão estranho. Esse momento lembrou-me as palavras de Levi-Strauss (1986), onde o mesmo cita que:

Aprendi que a verdade duma situação não se encontra através duma observação quotidiana e sim nessa destilação paciente e fraccionada que o equívoco do perfume me levava já talvez a pôr em prática, sob a forma de um trocadilho espontâneo, veículo de uma lição simbólica que eu não me encontrava capaz de formular com clareza. A exploração é mais uma busca do que um percurso; só uma cena fugidia, um recanto de paisagem, uma reflexão aprendida no ar, permitem compreender e interpretar horizontes que de outro modo permaneceriam estéreis (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 42).

O presente contexto me faz lembrar da primeira disciplina vivenciada em sala de aula na primeira semana na Universidade, sendo esta “Antropologia e Educação”, onde foi exposto sobre a importância de assumirmos uma atitude de estranhamento. Ao chegar num ambiente estranho com pessoas diferentes de nós, novas culturas e costumes distintos costumamos ter essa postura de estranhamento, mas logo percebendo as semelhanças e assim, vão surgindo as amizades, através da interação social.

Diante da grandiosidade da Universidade, pude conhecer um novo setor, novos indivíduos, alguns nem sempre receptivos. Logo no início, percebi que a turma se dividia em grupos e, com isso, tive que buscar me encaixar em algum deles. Os novos prédios, os corredores, as salas de aulas e as praças, faziam parte do meu novo cotidiano. Diversos ambientes e novas pessoas, universos distintos para explorar; tudo isso me motivou a querer conhecer cada cantinho o mais rápido possível, pois seria como a minha segunda casa durante um bom tempo.

Na primeira semana de aula, todo professor que entrava na sala perguntava: “*Porque você escolheu esta profissão?*” Essa situação ocorre até hoje e, comumente, a resposta mais frequente era: “*Porque eu gosto de criança*”. Depois de algum tempo, se descobre através da vivência de rotina da Pedagogia que é bem mais que apenas gostar de criança. Esta área envolve algo mais do que ensinar, pois envolve os cuidados, a higienização, a postura de ter uma sensibilidade para observar o comportamento da criança e saber se a mesma está bem. Tanto de saúde quanto psicologicamente e muitos outros aspectos que fazem parte da formação humana.

Diante desta pergunta, recordo-me de ter respondido que “*Queria trabalhar com crianças de alguma forma*”; posteriormente, percebi que esta seria uma forma de contribuir para o conhecimento e desenvolvimento intelectual ou moral do indivíduo, o que me sentia motivada a fazer parte, de participar de forma ativa do processo de aprendizagem e

desenvolvimento das crianças. Diante dessa situação, mais uma vez recordo-me das palavras de Levi-Strauss (1986), quando o autor menciona que:

O conhecimento não se baseia numa renúncia ou troca, mas sim numa seleção dos aspectos verdadeiros, isto é, aqueles que coincidem com as propriedades do meu pensamento. E isso porque diz, o meu próprio pensamento é igualmente um objeto. Pertencendo a este mundo, participa da mesma natureza (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 50).

Nos dias atuais, ser educador tem sido uma tarefa árdua, mas temos os nossos objetivos que persistem e nos fazem acreditar que o dia de amanhã será melhor do que o dia de hoje. Assim, se eu fosse escolher uma profissão, novamente seria a de educadora infantil, com muito orgulho, pois acredito que o curso dá um alicerce que nos permite contribuir para uma sociedade melhor e se fizer a diferença na vida de uma criança, já terá valido a pena.

De acordo com Paulo Freire (2007), “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (FREIRE, 2007, p. 22). Dessa forma, para uma educação de qualidade e humanística, ou seja, um processo educativo no qual o ensino não se limita à transmissão de conhecimentos e ao desenvolvimento de capacidades, a atuação do professor é o que vai contribuir para o desenvolvimento cognitivo de indivíduos capazes de construir suas habilidades, através do mediador nesse processo de aprendizagem. De acordo com Vasconcellos (2003):

O professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência, nova forma de organizar as relações entre os homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho, tanto do ponto de vista objetivo (salário, carreira, instalações, equipamentos, número de alunos por sala, etc.), quanto subjetivo (proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para a mudança, disposição democrática etc.) (VASCONCELOS, 2003, p. 77).

Ao realizar nossas escolhas, saímos da nossa zona de conforto para entrar em contato com os desafios que a vida nos oferece e ser educador é exatamente isto. É ter consciência das dificuldades que iremos encontrar, principalmente no início da profissão, pois, para ser um bom professor, é preciso muito mais que conhecimento: é preciso ser sensível e jamais supervalorizar o intelecto e a razão em detrimento do amor e da emoção. Para ser educador, é

preciso sair da zona de conforto que nos paralisa e, com isso, reivindicar mudanças no processo da nossa formação; isso é possível por meio de um diálogo aberto com as instituições de ensino. É preciso que a principal mudança comece em nós, com as nossas atitudes.

Para finalizar a disciplina Antropologia e Educação, a professora escolheu que, ao invés de fazer a avaliação, realizaríamos um trabalho em grupo, uma narrativa da vida de um contador de memórias. Então eu e minha colega de curso, em dupla, pudemos escolher alguém da família e a escolhida foi a sua avó, para que a produção de toda a turma resultasse num livro e fosse publicado, mas, infelizmente, não conseguiram patrocínio necessário para a publicação. Mesmo sem o patrocínio, os textos foram escritos conforme as próprias falas das pessoas escolhidas, tal como foram feitas diversas entrevistas e transcritas na íntegra. Este trabalho foi muito especial para mim e tudo começou a partir da ideia da professora Maria Conceição Xavier de Almeida.

Em minha primeira experiência como uma das autoras de um livro, que teve como título “Por toda minha vida”, foi possível notar uma mudança pessoal nesse processo de construção. A escolhida para narrar suas memórias, destinada a este trabalho de pesquisa, foi Dona Maria, em especial porque ela tinha muitas histórias para contar. O processo se deu de forma lenta e demorada, ao transferir tantas emoções, experiências e vivências para o papel. Aprendi muito, primeiro as gravações das conversas, em seguida ouvir e anotar, tendo sempre que voltar várias vezes para entender o que foi dito, até chegar à última etapa que se tratava da digitação de todo o texto, para que resultasse no livro.

Apesar de estar com 86 anos, nos dias das visitas ela sempre falava do passado com tanto carinho de algumas lembranças e veemência de outras que o tempo da entrevista passou rapidamente. A mesma relatava que, como ainda tinha que conciliar o dia da entrevista com o trabalho da casa e outros afazeres que apareceriam no meio do percurso, ficaria difícil fazer tudo. Foi possível perceber que toda família tem uma admiração especial por Maria da Guia e o trabalho resultante da entrevista, que recebeu o título de “Memórias”, tinha a sua face subentendida, já que ela sempre estava disposta a expor acontecimentos do seu passado.

As conversas trouxeram recordações tanto agradáveis como desagradáveis para Maria da Guia, entretanto, sei que ela ficou muito feliz em ter sido a escolhida por sua neta, graduanda em Pedagogia, para relembrar momentos tão significativos da sua vida e poder, como foi dito por ela, “refrescar a memória”. Como uma pessoa muito especial que ela é,

sendo merecedora desta singela homenagem, por todas suas lutas e conquistas, lutas estas que não passarão em branco, pois será imortalizada através dessas narrativas.

Acredito que este pode ser um presente maravilhoso para uma pessoa que teve uma infância deslumbrante, uma adolescência enigmática e uma maturidade conflitante, pois, até mesmo na terceira idade, lutou pelas amigas que eram injustiçadas, travou queda de braço em postos de saúde, para ter assegurado seus direitos e dos que estavam ao seu redor. Dona Maria é, para mim, uma mulher que merece o respeito e admiração de todos pela sua força, batalha e disposição e que, mesmo aos oitenta e seis anos, não para e ainda é um exemplo para muitos, uma verdadeira lição de vida para todos nós.

Para este trabalho, foram necessárias horas de conversas, gravações, transcrições, para que fossem escritas memórias sobre sua infância, amigos, adolescência, o primeiro emprego, as suas obras assistencialistas, os casamentos, a filha do coração e a primeira música das aulas de piano:

Eu fui às touradas em Madri  
E quase não volto mais aqui  
Pra ver Peri beijar Ceci.  
Eu conheci uma espanhola  
Natural da Catalunha;  
Queria que eu tocasse castanhola  
E pegasse touro à unha...  
Pro Brasil eu vou fugir!  
Isto é conversa mole para boi dormir! (TOURADAS EM MADRI – ALMIRANTE.  
CARNAVAL. 1938. p.1).

É com esta música que, até o presente momento, lembro-me de Dona Maria e da sua grandiosa participação em minha atividade acadêmica, na disciplina de Antropologia e Educação. Ao concluir a disciplina, aprendi que o estudo da antropologia faz parte desse cotidiano humano, do aprendizado cotidiano que é viver em sociedade, do estudo dos povos, em suas diversas culturas e troca de experiências resultando em novos conhecimentos.

## **2.2 O ESTUDO DA PSICOLOGIA**

A reflexão na disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação I e II, ministradas pelas professoras Érika Gusmão e, posteriormente, por Cíntia Ataíde, contribuíram de forma grandiosa para o entendimento de diversos aspectos do comportamento humano. A psicologia,

por meio de suas pesquisas, formulou, ao longo dos anos, abordagens, conceitos e concepções que contribuem para o trabalho escolar.

Como existe uma multiplicidade de relações que influenciam na natureza social, diversos fatores devem ser levados em conta no desenvolvimento do indivíduo. Por isso, a psicologia é uma das principais fontes de estudo para se entender o meio escolar, trazendo reflexões sobre suas metodologias, conteúdos, avaliação, o estudo dos autores e suas contribuições para a área educacional.

Segundo Vygotsky (1991),

O homem possui natureza social, visto que nasce em um ambiente carregado de valores culturais. Nesse sentido, a convivência social é fundamental para transformar o homem de ser biológico em ser humano social. A criança nasce apenas com funções psicológicas elementares e, a partir do aprendizado da cultura, estas funções transformam-se em funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 1991, p. 49).

Assim como as palavras trazidas por este grande nome da psicologia, muitas outras foram apresentadas para mim, por meio das teorias das aprendizagens. Dentre as teorias da aprendizagem estudadas nesta disciplina, algumas auxiliaram durante minhas experiências em sala de aula, pois possibilitaram um repensar da prática pedagógica, na qual se trata das relações existentes entre a aprendizagem escolar e desenvolvimento dos conceitos, da mediação do professor e do significado dos conteúdos no desenvolvimento, enquanto componente do processo ensino-aprendizagem.

Durante a prática da educação infantil, houve momentos que percebi eficientemente a prática do reforço positivo dado ao aluno em sala de aula, estimulando-o durante as atividades. Mas, por outro lado, também observei que é preciso ter cuidado ao se utilizar um mesmo reforço várias vezes seguidas, pois este pode perder o seu efeito. O professor precisa variar o comportamento do reforço para que seu efeito não se torne artificial e ineficiente. Cabe ao professor buscar variações do comportamento de seu aluno; o professor pode utilizar-se de formas variadas de reforço. O elogio é um deles. A criança estará sendo incentivada a fazer outros deveres e a aprender a fazer outros exercícios corretamente (PRÄSS, 2008).

Por outro lado, o reforço pode também ser negativo, por isso, é necessário ser muito cuidadoso para não desestimular o aluno, de maneira que o “não”, de forma contínua, deve ser evitado. Para um exercício feito de forma incorreta, deve-se estimular o aluno a encontrar o

erro. Dessa forma, o comportamento dos alunos pode ser moldado pelo oferecimento de recompensas ou esforços apropriados.

Com a vivência no ambiente de ensino escolar, percebi na prática da sala de aula que a teoria histórica cultural, desenvolvida por Vygotsky (1991), nos mostra que a interação entre o indivíduo e o meio em que ele está inserido é essencial ao processo de aprendizagem através interação com outras crianças; é imprescindível para o desenvolvimento de todo um repertório de habilidades.

O construtivismo de Piaget (1978) foi outra teoria que me auxiliou a sair um pouco do ensino tradicionalista, ainda presente em algumas instituições de ensino básico que não perdem o cerne da escola tradicional. O construtivismo estimula uma forma de pensar do indivíduo. Ao invés de assimilar o conteúdo de forma passiva, reconstrói o conhecimento existente, dando um novo significado, resultando em um novo conhecimento; assim, o aluno passa a ser o sujeito da sua aprendizagem, ele é ser ativo que participa do processo escolar (PRÄSS, 2008).

Outra contribuição da disciplina se deu através da participação, na CIENTEC, com a exposição de brinquedos para diversas faixas etárias, produzidos pela minha turma para o Projeto Brincar, uma atividade Pedagógica sobre o processo de brincar. O processo de brincar requer, do meio em que a criança está inserida, uma condição que permita o contato com um brinquedo, o qual seja a porta de entrada para a ludicidade na criança e, assim, possa contribuir no seu imaginário infantil e, por conseguinte, no seu desenvolvimento. Assim, o contato com o brinquedo, como mostra Kishinomoto (2000, p. 32), “estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade”.

Esse projeto proporcionou, por meio da construção dos brinquedos e brincadeiras, estudos de textos durante a disciplina, relativos ao tema e à visita que a turma fez ao museu de brinquedos populares ampliaram e corroboraram para o nosso conhecimento, facilitando o planejamento e elaboração dos brinquedos. Sobre a extrema relevância que tem o brincar para o desenvolvimento infantil, que além de ser prazeroso e divertido para a criança, é responsável também por estimular as percepções da criança. De acordo com Vygotsky (1984):

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz (VYGOTSKY, 1984, p. 97).

Nesse sentido, um importante instrumento para desenvolver vínculos afetivos, físicos, cognitivos e psicomotores, por meio das inter-relações ou intra-relações, ocorre através da interação com o brinquedo e com o outro. Além disso, nessa perspectiva, a criança também está em processo de aprendizagem, pela assimilação dos conhecimentos adquiridos. Esse pressuposto está de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 27-28), em relação ao que diz sobre o Brincar, onde:

Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características [...]. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações (RCNEI, 1998, p. 27-28).

Para que a conclusão do projeto Brincar tivesse sucesso, foi imprescindível a realização de pesquisas sobre o assunto, com autores sugeridos pela professora da disciplina. Além disso, também participamos de uma aula de campo no museu do brinquedo do IFRN, (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte), bem como visitas a algumas lojas que trabalham com material específico para bebês, além de muita conversa e encontros preparatórios para execução desta atividade.

Visto que o trabalho tinha o propósito de focar na criança pós-nascimento até um ano, a atividade motora e o processo interativo, este também deveria ser feito com base na sustentabilidade. Fato este que nos levou a reutilização de materiais, estimulando, nos futuros pedagogos, uma maior responsabilidade para com o meio ambiente e principalmente pautado na segurança, sempre se preocupando com os supostos riscos que os brinquedos poderiam oferecer às crianças.

Além disso, o fato de produzir brinquedos com materiais reutilizáveis e recicláveis resultava em uma proposta sustentável e, ao mesmo tempo, colaborativa com a preservação do meio ambiente. Isto proporcionou aguçar o olhar pedagógico e criatividade na futura prática pedagógica para propor aos nossos alunos construções de brinquedos, conscientizando-os também a respeito de sua importância e diminuição de materiais que são descartados no meio ambiente.

A disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação me propiciou diversas contribuições em relação à educação escolar. Dentre as teorias sobre o processo de interação, estudos da afetividade, a linguagem e desenvolvimento aprendizagem e também as consequências para a prática pedagógica, pude aprender com os teóricos sobre os processos de aprendizagem e em sala de aula, na prática, observar o desenvolvimento das crianças, no cotidiano escolar.

### **2.3 O DESAFIO DE ENSINAR A LER E A ESCREVER**

Outra marca importante no meu processo formativo foram as aulas de alfabetização e letramento. Nesta disciplina, ministrada pela professora Giane Bezerra Vieira, pude refletir principalmente acerca do uso social da escrita, por exemplo, compreender que “alfabetização e letramento” são conceitos que, por serem socialmente construídos, mudam historicamente, assim como coloca Soares (2006), em que:

A alfabetização traduz-se pelo ensino-aprendizagem restrito e limitado das habilidades básicas de leitura e de escrita, efetuando-se com limites claros e com pontos de progressão cumulativa definidos objetivamente. Letramento, por sua vez, refere-se ao resultado do desenvolvimento da ação contínua, não linear, multidimensional e ilimitada, para além dessa aprendizagem básica do saber ler e escrever, adquirindo, desta forma, um grupo social ou um indivíduo inserido nas práticas de letramento escolar ou não, um novo estado ou uma nova condição “nos aspectos cultural, social, político, linguístico, psíquico” (SOARES, 2006, p. 39).

Ao contrário desta perspectiva, no modelo tradicional de educação, que se baseia no papel dominante do professor como transmissor de conhecimentos e informações e na ideia de que a aprendizagem se dá pela memorização de modelos fornecidos, alguns outros aspectos são necessários para efetivar a alfabetização e o letramento.

Nesta concepção, a alfabetização é entendida apenas como um processo que se desenvolve em nível individual, desvinculada de seus usos sociais; trata-se, portanto, de um processo em que a linguagem escrita é considerada o espelho da linguagem oral. O aluno deve aprender a representar fonemas em grafemas (escrever) e grafemas em fonemas (ler). Nesta expectativa, a decifração e a dominação do código são entendidas como os aspectos centrais do processo.



O letramento é o exercício da leitura e da escrita nas práticas sociais, ou seja, o letramento é como um processo caracterizado pelas práticas sociais de uso da linguagem escrita. Dessa forma:

O letramento implica várias habilidades: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos, para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos: habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (SOARES, apud RIBEIRO, 2004, p. 92).

Durante a disciplina, para colocar em prática a teoria estudada, foi desenvolvido um projeto, visando a trabalhar a alfabetização através do folclore e suas lendas, numa turma do 1º ciclo de Educação de Jovens e Adultos (EJA), contemplando os eixos de leitura, escrita e produção de textos, tendo em vista a alfabetização na perspectiva de letramento. Pude aliar à teoria da disciplina aos conceitos e às especificidades de Alfabetização e Letramento, a psicogênese da escrita e sua evolução histórica, com suas contribuições para a prática como pedagoga. Através da experiência com a turma da EJA, trabalhei o funcionamento do sistema de escrita, alfabética e seus níveis, os procedimentos didáticos pedagógicos do processo ensino/aprendizagem e a alfabetização na perspectiva do letramento.

## **2.4 EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO OLHAR PARA A CRIANÇA**

O conhecimento adquirido na disciplina de Educação Infantil, com a professora Maria Cristina Leandro de Paiva, foi algo enriquecedor e essencial. Com estes conhecimentos, aprendi que a criança é um ser capaz de pensar, agir e interagir com outras crianças desde muito cedo. O meio no qual está inserida vai interferir em seu desenvolvimento, porém, esta é uma relação mútua, pois, com seu desenvolvimento, ela também interfere no meio. Entretanto, até que esta afirmação fosse aceita e apropriada pelos educadores em geral, a criança era vista como um adulto em miniatura.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (ARIÉS, 1981, p. 65).

Somente após estudos e concepções formuladas através de observações é que a criança passa a ser vista como um ser capaz de pensar e que deveria estar em um ambiente que favorecesse o seu desenvolvimento. A partir do século XIX e XX, surgiram estudos e pesquisas com a finalidade de investigar o processo de aprendizado da criança (ARIÉS, 1981).

Atualmente, apesar dos avanços significativos conquistados para a educação infantil, ainda existem aqueles que pensam na educação infantil com caráter assistencialista, sem levar em conta que é uma fase primordial no desenvolvimento do homem. Já está comprovado cientificamente que este momento é um dos mais importantes para a formação do indivíduo, pois trata do seu alicerce educacional (MOREIRA, 2007).

A criança deve ser vista como um ser que constrói o conhecimento através das interações com o meio, da socialização, do contato com outras pessoas, com culturas diferentes. Segundo Piaget (1991), a evolução do conhecimento é um processo contínuo, construído a partir da interação ativa do sujeito com o meio (físico e social).

A infância é um momento único na vida de cada sujeito, entretanto, é preciso que sejam os pais, professores, parentes ou qualquer indivíduo que esteja envolvido no processo de aprendizado da criança, que garantam esse direito à infância para que ocorra da melhor forma possível. Deixá-la viver seu tempo de criança, sem tentar transformá-la num adulto, é imprescindível para seu desenvolvimento saudável. É necessário que se respeite o momento de infância da criança, que possibilite um ambiente propício e a interação necessária para seu desenvolvimento.

É relevante destacar a importância do brincar, já que com as brincadeiras as crianças imitam o adulto, construindo assim conceitos, ressignificando e compreendendo o mundo do adulto em sociedade, aprendendo a exercer papéis sociais como imitação do mundo real. De acordo com Moraes (2001), o brincar cria condições efetivas para o relacionamento social das crianças, visto que oferece uma forma livre e autônoma de interação entre as mesmas. Dessa maneira, a criança é capaz de resgatar valores e sentimentos, como a responsabilidade, além aprender a importância da negociação, da conquista, de conviver com regras e a resolver os conflitos.

É importante que a educação infantil nas escolas proporcione às crianças uma diversidade de brinquedos adequados a cada faixa etária, para que sejam evitados acidentes, bem como permitam brincadeiras em que as crianças possam adquirir novas aprendizagens. A ação educativa não acontece apenas no meio escolar; é preciso lembrar que a socialização primária acontece desde o nascimento da criança e que os pais e parentes mais próximos, também têm esta responsabilidade com o seu desenvolvimento.

Art. 4º – É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA- Lei nº 8069 / 1990), p.1).

O desenvolvimento começa muito cedo e ocorre através de descobertas como a do seu próprio corpo, de movimentos e de exploração do meio em que vive. Por isso, o cotidiano da criança deve estar, desde seu nascimento, rodeado por cuidados que alicerces sua educação.

Portanto, a atual concepção praticada nas instituições de educação infantil possibilita o educar e o cuidar, através de atividades lúdicas e cuidados. Quando se trata do desenvolvimento da criança, reconhecer que a formação da criança vai muito além de apenas assisti-la é necessário, pois a criança é um ser inteiro, que não pode ser fragmentado. Assim, é preciso que o educador esteja preparado e reconheça a grande importância desta forma de educar, tendo bem claro a importância de formar sujeitos que se tornem cidadãos críticos, capazes de transformar seu meio.

Após a conclusão desta disciplina, apresentei na CIENTEC um *banner* sobre a importância do brincar na educação infantil: Experiências no berçário, durante o estágio na formação docente, que tratou da importância de se inserir brinquedos e brincadeiras para a construção do processo de aprendizagem na educação infantil. Com a disciplina, pude estudar sobre a história da educação infantil no Brasil, realizar um paralelo entre educar e cuidar, observar na prática como se desenvolvem e aprendem as crianças e as etapas da educação infantil, os processos de desenvolvimento e como as crianças aprendem.

## **2.5 EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Durante a disciplina de Educação Especial numa Perspectiva Inclusiva, ministrada pela professora Rita Magalhães, ao assistir os seminários sobre os diversos tipos de

deficiências existentes nas crianças e adultos, passei a perceber a criança com outro olhar, a prestar atenção em seu jeito de ser, que muitas vezes passa despercebido, por serem muitos alunos dentro de uma mesma sala. Determinados professores costumam rotular que tal criança é, muito “danada” ou muito “lenta”, por esta apresentar um nível de aprendizado um pouco mais demorado quando comparado com os demais, porém, o professor não busca saber ou adquirir informações com a família, para que possa ter a certeza de que esta criança não possui algum tipo de deficiência.

Muitas vezes também ocorre da própria família querer negar ou esconder alguma deficiência da criança. No convívio, as comparações entre os alunos também são comuns, mas entendo que como todos nós somos diferentes e devemos respeitar essas diferenças. Entendo que cada criança é diferente uma da outra e cada uma possui especificidades e necessidades que marcam a sua singularidade.

No decorrer da disciplina, grupos de alunos trataram de diversos tipos de deficiências, dentre elas a intelectual, que expôs como as crianças eram tratadas antigamente e desde aquele tempo, já era possível perceber como sofriam preconceito, as quais ainda sofrem nos dias de hoje, por ter um atraso mental. Em seguida, foram apresentados sobre a temática da superdotação, estas são pessoas que também sofrem, se sentem desestimulados por estarem sempre pensando adiante e perdem o interesse nas aulas.

Em relação ao grupo que tratou sobre deficiência visual, este trouxe a informação de que a deficiência visual pode ser do tipo parcial ou total, de forma que ambos têm que ter um acompanhamento tanto da família quanto da escola, pois necessitam de apoio pedagógico. A surdez foi a que mais me identifiquei, pois, durante um estágio não obrigatório, pude ter contato com uma criança surda, que provou se desenvolver tão bem quanto as outras crianças. É preciso salientar que, para o desenvolvimento e envolvimento da criança surda em sala de aula, é imprescindível a participação de tradutores, o que não é uma prática comum nas escolas, além disso, também é necessário um material pedagógico mais diversificado.

Sobre os autistas, estes apresentam dificuldades em entender as regras de convívio social, a comunicação não-verbal, a intencionalidade do outro e o que os outros esperam deles. Com essas dificuldades, o desenvolvimento do cérebro social torna-se cada vez mais insuficiente para exercer as funções necessárias para a interação social. De acordo com Aguiar et al., (2014), o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), pode ser caracterizado por sinais bem definidos, sendo estes a desatenção, inquietude e impulsividade,

especialmente quando não associadas, podem advir em crianças sem TDAH, ou ser resultado de diversos problemas na relação entre as crianças e seus responsáveis ou, ainda, dos colegas, dos sistemas educacionais inadequados ou mesmo serem associados a diferentes transtornos comuns na infância e adolescência (AGUIAR et al., 2014).

No encerramento da disciplina, foi solicitada a produção de um portfólio, então revesti uma pasta com tecido preto de bolinhas brancas, com acabamento de rendas, também coloquei na capa uma menina feita de folha EVA, para representar as crianças. Em cada deficiência diferente, anexeí fotos e um artigo referente a cada assunto. Devo confessar que poderia ter me dedicado mais. Sinto que não pude me expressar como gostaria, no portfólio, devido a rotina de ter que trabalhar e estudar, mas terminei, mesmo permanecendo com a sensação de que deveria ter feito algo diferente ou até melhor.

Na época, a professora Rita indicou para a turma ir visitar uma exposição que estava acontecendo na biblioteca Zila Mamede, sobre as barreiras arquitetônicas da UFRN, para que pudéssemos conhecer um pouco sobre as dificuldades encontradas e superadas pelas pessoas com necessidades especiais. Achei o tema tão interessante que quase o adotei como tema do TCC.

Com a disciplina, aprendi os conceitos relativos Educação Inclusiva, a história da educação de pessoas com deficiência, a inclusão social e educacional de pessoas com deficiência, aspectos relativos às necessidades específicas das pessoas com deficiência/necessidades educativas especiais na escola. Estratégias pedagógicas que favorecem o ensino na perspectiva inclusiva, mas na prática, pude observar que muito ainda precisa ser feito para garantir esta inclusão no cotidiano escolar.

Discorrer sobre as disciplinas acadêmicas que foram importantes para a minha formação e que trouxeram o embasamento necessário para o papel do “ser professor” foi importante para lembrar e recordar fatos positivos e negativos dos componentes curriculares que perpasssei até a chegada do primeiro contato com a prática da pedagogia no ambiente escolar. Estas disciplinas contribuíram para os próximos relatos, onde, finalmente, descrevo minha vivência na docência.

### **3 EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA: DO SONHO À REALIDADE**

Em 2013, iniciei meu estágio não obrigatório no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Amor de Mãe, que atende a 168 alunos, divididos em 7 turmas pela manhã e 7 à tarde. O funcionamento ocorre em dois turnos no nível de berçário I ao nível III. Funciona das 7h às 11h, das 13h às 17h, para os alunos que são atendidos no regime parcial e sendo o berçário e nível I atendidos integralmente. As idades vão de 4 meses a 4 anos e 11 meses.

A escola tem dois parquinhos, um para as crianças dos berçários e outro com brinquedos maiores para as crianças do nível I ao III, com área descoberta. Além disso, também possui uma ótima estrutura física, composta pela secretaria, direção, sala dos professores, biblioteca, sala de multimeios, brinquedoteca e bebeteca.

Os primeiros dias como estagiária do berçário II foram muito difíceis, pois, como as 17 crianças da sala estavam em processo de adaptação, o choro era frequente, além disso, foram relatados dores intestinais, presença de piolhos, problemas de pele e uma alta carga de traumas e medos sofridos. Eram diversas as dificuldades enfrentadas pelos pequenos e o aprender no dia a dia, através de cada necessidade apresentada, foi surgindo de forma a se adaptar a forma de cuidado a cada uma. Simplesmente não sabia o que fazer ou como agir com crianças tão carentes de carinho, de cuidado e atenção.

Logo no início, tive que aprender as músicas infantis, para cantar ao chegarem, no banho, na hora de acalantar ao dormirem ou num momento de carência ou choro, aprender as brincadeiras para desenvolver melhor o aprendizado das crianças, dar banho e higienizar de forma correta, passar pomada de assaduras após o banho, utilizar xampu para piolhos, sabonete para problemas de pele. Tive sorte de aprender com a professora efetiva da sala em que eu estava, a Sandra, que me ensinou tudo que eu não sabia ou precisava saber.

Senti falta de uma disciplina que suprisse esta necessidade destas práticas na Universidade, algo que nos preparasse melhor para esta realidade que o estagiário se depara ao chegar à escola pela primeira vez. No meu caso, apesar de já possuir conhecimentos de higiene e cuidados que foram adquiridos com meu irmão mais novo e primos, ao auxiliar no cotidiano, foi possível conhecer diversos estagiários que estavam totalmente perdidos nesses cuidados, sem saber como fazer.

Foi um ano de muito aprendizado e muitas dificuldades, dentre elas, alguns casos de negligência e violência que foram relatados pelas crianças, de forma que alguns foram encaminhados ao setor pedagógico, para que houvesse conversas entre pais e coordenação, a

respeito do tema – negligência e violência. A coordenação relatou que alguns casos foram resolvidos, todavia, outros não tiveram o mesmo êxito.

Presenciei crianças chegando à sala de aula com manchas roxas pelo corpo, com a pele coberta de manchas de picadas de insetos, feridas, coceiras, sem fraldas ou sujas. Uma das cenas que mais me chocou foi no dia em que um menino, com dois anos de idade, que estava brincando no parquinho e ao ver uma poça de água se abaixou e bebeu como se fosse normal, mesmo tendo copos com água a disposição. Depois fiquei sabendo que ele sempre fazia isso, pois vivia solto nas ruas com os irmãos e os pais eram traficantes, estavam presos e a criança era “cuidada” pelos tios. No ano seguinte, infelizmente, esse menino foi parar em um orfanato.

Outro caso que me causou muita tristeza foi o de um aluno que, na hora das refeições, sempre chegava faminto e como eu já sabia, separava mais um prato para ele. Mesmo assim, após todos terminarem de comer, eu o procurava e ele já estava juntando os grãos de arroz e feijão que os colegas derramavam na mesa e cadeira, às vezes até no chão. A auxiliar de serviços gerais da escola, que residia perto desse aluno, comentou que aquela criança passava fome no final de semana, chorava, gritava, junto com os irmãos pedindo comida, mas só se alimentava bem na escola. Saber que essa é a realidade de muitas crianças não é fácil; sabemos que isso existe, mas presenciar é um choque para qualquer indivíduo.

A ausência de um suporte pedagógico para sanar nossas dúvidas e a pressão em ficar sozinha com 17 alunos, sem a presença do professor em sala de aula, é algo que ocorre com frequência nas salas de aula, sendo o estagiário solicitado a assumir a sala de aula sem supervisão alguma, frequentemente. Fato este que contraria a lei de estágio, porém, se nos recusássemos a assumir essa tarefa, éramos repreendidos ou até mesmo devolvidos à instituição e, dessa forma, perderíamos o estágio.

Por isso e outros fatores, nem todos os profissionais apresentam-se dispostos e movidos pelo prazer e satisfação de ensinar as crianças, além de algumas dificuldades estruturais e do baixo salário. Outras dificuldades que passei durante o ano foram as diversas trocas de professoras na sala; as crianças tinham que se readaptar, pois cada uma tinha uma metodologia diferente e como eram duas professoras, estas nem sempre se davam bem, havendo, assim, conflitos diários.

É necessário se manter o equilíbrio na sala de aula entre professores e alunos, para que a criança possa desenvolver seu aprendizado. Infelizmente, não era o que acontecia nessa sala

de aula e resultava numa insatisfação de ambas as partes e muitas vezes as professoras realizavam atividades diferentes ao mesmo tempo, sem interagir uma com a outra ou planejar. Sobre as dificuldades apresentadas, Freire (1995) cita que:

A questão está em como transformar as dificuldades em possibilidades. Por isso, na luta para mudar, não podemos ser nem só pacientes, nem só impacientes, mas pacientemente impacientes. A paciência ilimitada, que jamais se inquieta, termina por imobilizar a prática transformadora. O mesmo ocorre com a impaciência voluntarista, que exige o resultado imediato da ação enquanto planeja (FREIRE, 1995, p. 48).

Os estagiários não podiam planejar com os professores nem tinham acesso ao planejamento, ao conteúdo. Sempre nas salas de aula, muitas vezes sozinhos ou com o auxílio de alguém, enquanto os professores planejavam e isso se repetia semanalmente; só era permitido um estagiário por sala. Em geral, foi um ano difícil, mas, ao mesmo tempo, de muito aprendizado, onde pude aliar a teoria das disciplinas, principalmente Fundamentos Psicológicos da Educação e Educação infantil, vistas em sala de aula e na prática, vivenciadas na escola.

#### **4 DA TEORIA À PRÁTICA**

No segundo ano de estágio, na turma do berçário I, com 12 crianças na sala na qual atuei, em 2014, no CMEI Telma Rejane de Moura Freire, recém-construído e inaugurado dia 12 de dezembro de 2013, tanto o prédio quanto os equipamentos e mobiliários eram todos novos. São 10 salas pela manhã e 10 à tarde. O funcionamento se dá em dois turnos, no nível de berçário I ao nível III. Funciona das 7h às 11h, das 12h às 16h, para os alunos que são atendidos no regime parcial e sendo o berçário e nível I atendidos integralmente. As idades vão de 4 meses a 4 anos e 11 meses.

Como já havia adquirido conhecimentos do CMEI no ano anterior sobre a rotina da escola de Educação infantil, das crianças e de como deveria proceder na sala de aula, foi possível obter uma experiência mais rica e prazerosa. Apesar de serem da mesma faixa etária, as crianças tinham necessidades, dificuldades e conhecimentos distintos.

O processo de adaptação com as crianças se deu aos poucos; na primeira semana, saíram mais cedo. Eles eram liberados na medida em que os pais chegavam, os que estudam no parcial saíam um pouco duas horas antes, o que facilitou o processo. Já as crianças do



tempo integral ficaram saindo no horário parcial, nas primeiras semanas, para facilitar esta adaptação. A disciplina de psicologia me auxiliou a entender que a criança, ao chegar a uma nova escola, passa pelo processo de adaptação, uma fase que logo irá se acostumar com o novo ambiente, colegas e professores. Para esta adaptação, as professoras utilizaram várias estratégias e, dentre elas, música, televisão e vídeo; a sala de estimulação, que trabalha a psicomotricidade nos bebês e um parquinho, com brinquedos maiores para as crianças do nível I ao III, na área descoberta. Por meio da disciplina de educação infantil, pude entender a importância do brincar, de se trabalhar desde cedo com a psicomotricidade das crianças, buscando seu desenvolvimento e aprendizado.

A respeito de como se dá a negociação e o diálogo entre diferentes entendimentos sobre o cuidar/educar da família e da escola, a diretora disse que ocorre através da agenda, onde são relatadas a rotina e os acontecimentos ocorridos dia a dia ou diálogo entre professores e os pais, que ocorre diariamente, ao deixarem e buscarem seus filhos. Algumas crianças tinham dificuldades em se adaptar com a alimentação, então os pais pediam para anotar o cardápio e se haviam se alimentado bem.

Lembro-me de uma aluna que só gostava de alimentos salgados, não gostava de frutas nem sucos ou vitaminas e como o café, geralmente eram oferecidos esses alimentos, ela tinha dificuldades na hora do café da manhã e do lanche da tarde. São casos que acontecem e são resolvidos por meio de conversas e orientações aos pais a inserirem determinados tipos de alimentos na rotina da criança, para que não fiquem sem comer na escola porque não conhecem.

Não havia utilização de livros didáticos na escola para auxiliar no planejamento, então os professores, em conjunto com a coordenadora, se reuniam uma vez por semana para realizar o planejamento semanal, mas, novamente, os estagiários não podiam participar. Havia uma rotina definida colada na parede da sala, com as atividades diárias e os horários de todas as salas dos locais de uso de todas as turmas, que vão usar o parquinho, a brinquedoteca, a biblioteca, sala de vídeo tudo de forma organizada para que não causasse desordem.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é a diretriz pedagógica da escola, no sentido em que se busca organizar o trabalho de cuidar e educar, falando no sentido das creches e pré-escolas; complementando a ação da família e da comunidade. Na escola, foram realizados encontros pedagógicos... um para dizer o que era o PPP, quais os objetivos, para que serviria e entre outros e em um segundo encontro, dividiram-se os temas entre professores e os

estagiários, para que ocorressem as apresentações desses tópicos escolhidos com sugestões e/ou críticas por outros colegas.

Em seguida, ficou combinado de enviar para a equipe gestora o que escreveram para depois aprimorar essa escrita e voltar a se reunir e discutir a respeito desse documento, ou seja todos os educadores da escola participam da construção do PPP. A maior dificuldade para a construção do PPP é o tempo para sentar e discutir sobre os temas pelo motivo do cumprimento do calendário anual ser considerado tão “apertado”. Outra dificuldade foi a falta de material teórico, pois a escola é custeada diretamente pela Secretaria de Educação, com materiais que são solicitados de acordo com a necessidade; isso contribuiu para o atraso da elaboração.

Quanto ao desenvolvimento e à aprendizagem da criança, ocorre através da ação com o meio físico, o meio social e a interação com o ambiente. Este é um processo complexo, que envolve fatores sociais, biológicos e psicológicos, no entanto, é com o envolvimento de vários tipos de aprendizagem que se amplia a experiência individual de cada um.

Crianças seres íntegros nas suas manifestações de singularidade, sociabilidade, historicidade e cultura, que por meio das práticas de educação e cuidado, deverão ter a garantia de seu desenvolvimento pleno pelas vias de integração entre seus aspectos constitutivos, ou seja, o físico, emocional, cognitivo/lingüístico e social (ANGOTTI, 2006, p 20).

Na Educação Infantil, o trabalho pedagógico é realizado de forma a atender as necessidades básicas da criança pequena e, também, através de objetivos claros e definidos, contribuir para o seu desenvolvimento e de suas capacidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais. Visando a esse aspecto, a professora possibilita a participação dos alunos através de trabalhos em grupo, painéis, pesquisas, jogos e brincadeiras, com destaque às atividades que favorecem o desenvolvimento da autonomia tais como a brincadeiras, os contos de fadas, e as atividades de psicomotricidade.

Neste estágio, pude trabalhar com as crianças a literatura desde cedo em sala de aula, através da leitura de histórias ainda no berçário, o que faz com que elas se encantem pelo universo da leitura. Desenvolvendo sua imaginação e em outros níveis, melhora o aprendizado da leitura e escrita. Na turma de berçário, pude observar que, sempre ao buscar um livro no momento, destinado à historinha, as crianças sorriam e sentavam para ouvir, muitas vezes se antecipavam e escolhiam o livro, ficavam hipnotizados com as figuras dos livros e com a narração. A história traz para as crianças diversas possibilidades de

aprendizagem, mexe com o imaginário, se desenvolve socialmente, emocionalmente e faz com que construam seu próprio conhecimento com significado.

A poesia, na sala de aula, também foi uma ferramenta de fundamental importância para desenvolver a criatividade, a imaginação, a sensibilidade e a oralidade da criança. No berçário, são estimulados através de músicas infantis, trabalhando as rimas e repetições das palavras, para chamar atenção dos alunos, sendo potencializado o estímulo ao gesticular, durante as músicas. Aproveitei para utilizar meus conhecimentos da disciplina de libras, na qual gravamos alguns vídeos de histórias e músicas infantis, o que fez com que atraísse mais ainda a atenção das crianças.

É por este e outros motivos que se faz importante haver planejamento, que deve ser cuidadosamente elaborado pela equipe pedagógica, levando em conta o contexto em que as crianças vivem e as dificuldades que passam. Para que o planejamento das atividades ocorra, são necessárias consultas em livros, discussões e estudo dos parâmetros da educação infantil.

Esse Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) propõe uma construção coletiva de todos os saberes e fazeres que norteiam o cotidiano da mesma, é bastante agradável, possibilitando, dentro das condições possíveis, a realização de um trabalho que respeita a criança enquanto ser sócio-histórico-cultural, promovendo o acesso das mesmas às interações e aprendizagens próprias do seu grupo cultural, como as brincadeiras, as artes, o movimento, a linguagem oral e a escrita, a matemática, as ciências naturais e sociais, enfim, várias linguagens que o ser humano precisa utilizar no seu cotidiano.

A aprendizagem não acontece apenas na escola, mas em todas as instâncias e instâncias da vida: na cidade, no bairro, na igreja, no aconchego do lar, em conversas com amigos, em visitas a lugares novos e assim por diante. Contudo a sociedade oficialmente delegou à escola o ensino de qualidade compatível com realidade do progresso científico e tecnológico da humanidade (FREITAS, 2009, p. 78).

O projeto político pedagógico é voltado ao público e propõe: uma educação infantil de qualidade social e inclusiva, com intenção de promover o desenvolvimento integral das capacidades de ordem física, afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social dos alunos, pois seu maior foco é a criança, é trabalhar o lúdico, a interação e vivenciar a aprendizagem.

[...] A educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração

constante do pensamento individual em permutações constantes com o pensamento coletivo [...] (ALMEIDA, 1995, p.11).

Saber que nesta instituição existe este que é um documento muito importante e na maioria das escolas ainda não tem ou está começando a ser feito, visto que o PPP é um importante instrumento na construção da identidade da escola. É nele que as metas e os objetivos da instituição são expostos e assim, fica mais fácil atingir as finalidades propostas e avaliar o que está no caminho certo e o que deve ser mudado. Por isso, é um documento contínuo e realmente deve ser construído com toda comunidade escolar, já que a gestão democrática se dá desta forma e é esta gestão que leva a instituição a sua real emancipação.

Castro (2007) considera que:

Era necessário produzir uma transformação profunda na gestão educativa tradicional que permitisse articular, efetivamente, a educação com as demandas econômicas, sociais, políticas e culturais, rompendo com o isolamento das ações educativas. Partia-se do pressuposto de que o modelo de administração dos sistemas educativos não assegurava a participação plena dos atores sociais no processo pedagógico; não se responsabilizava pelo baixo desempenho do sistema; não focalizava as ações dos setores prioritários da população; e não promovia a inovação e a criatividade dos docentes (CASTRO, 2007, p. 5).

Dessa forma, a mudança do ambiente escolar deve partir não só da motivação dos personagens da escola – equipe da gestão escolar e demais profissionais –, mas também deve receber o apoio da comunidade externa e dos setores políticos.

## **5 LETRAMENTO DIGITAL: MONITORIA DE TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Durante o último ano do curso de Pedagogia, pude ter uma experiência diferente como bolsista do clube de programação, após uma seleção para bolsistas, via Sigaa. Situado no Instituto Metrópole Digital, na Universidade Federal do RN, onde as aulas desenvolvidas a partir de simuladores e jogos digitais possibilitaram o desenvolvimento de diversas habilidades dos alunos de forma lúdica, além de colaborar para sua alfabetização digital, através de ferramentas gráficas, ferramentas de animação e ferramentas de programação.

Esse novo letramento (o digital) considera a necessidade de os indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais

rápido possível os alunos a viver como verdadeiros cidadãos neste novo milênio, cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais (XAVIER, 2006, p. 1).

No clube de programação, as crianças trabalham a criação dos jogos, incentivando o raciocínio lógico, a criatividade, o ensino da programação e capacidade de solucionar problemas. Na Academia, os jogos são utilizados para incentivar os alunos na compreensão dos assuntos relativos a matemática, seguindo os conteúdos da base nacional comum curricular (BNCC) proposta pelo Ministério da Educação (MEC).

O aluno é incentivado a compreender o funcionamento dos jogos, aprender a programação, reconhecer e diferenciar letras, números e formas. Dessa forma, o indivíduo desenvolve diversas habilidades como: curiosidade e imaginação, capacidade de solucionar problemas, comunicação oral e escrita, planejamento e organização, agilidade e adaptação, aprendizagem colaborativa e autonomia, considerando que:

Formar cidadãos preparados para o mundo contemporâneo é um grande desafio para quem dimensiona e promove a educação. Em plena Era do Conhecimento, na qual inclusão digital e sociedade da informação são termos cada vez mais frequentes o ensino não poderia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem ao nosso cotidiano (PEREIRA, 2007, p. 13).

Os objetivos trabalhados são: estimular a concentração, coordenação motora e raciocínio lógico, desenvolvimento da memória, percepção visual e auditiva, praticando as possibilidades educativas das novas tecnologias e utiliza os conhecimentos para fazer novos jogos. As turmas utilizam diversas ferramentas e jogos desenvolvidos com temática educacional, para desenvolvimento das habilidades citadas anteriormente, entre eles: Scratch, Scierra, Construct 2, desenvolvimento de cartões de jogos digitais, além de material exclusivo com jogos educacionais e divertidos.

Os jogos colocam o aluno no papel de tomador de decisão e o expõe a níveis crescentes de desafios, para possibilitar uma aprendizagem através da tentativa e erro; como também são algo já do cotidiano das crianças, os jogos acabam sendo um instrumento motivador para utilizá-los em paralelo com as atividades pedagógicas, ou seja, usando nas diversas disciplinas.

De este modo, trabalhar aprendizagem por meio de jogos permite o desenvolvimento intelectual; devido ao aluno precisar solucionar problemas proposto nos jogos, este desenvolve várias habilidades cognitivas, como a resolução de problemas, tomada de decisão,

reconhecimento de padrões, processamento de informações, criatividade e pensamento crítico. Antunes (2007) diferencia o “jogo” da nossa cultura, que é habitualmente confundido com o termo “competição”, do ponto de vista educacional, segundo este autor,

a palavra jogo se afasta do significado de competição e se aproxima de sua origem etimológica latina, com o sentido de gracejo ou mais especificamente divertimento, brincadeira, passatempo. Desta maneira, os jogos infantis podem até excepcionalmente incluir uma ou outra competição, mas essencialmente visam estimular o crescimento e aprendizagens e seriam melhor definidos se afirmássemos que representam relação interpessoal entre dois ou mais sujeitos realizada dentro de determinadas regras. Esse conceito já deixa perceber a diferença entre usar um objeto como brinquedo ou como jogo (ANTUNES, 2007, p. 9).

Para Piaget (1976, p.26), “o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”. Visando a esse desenvolvimento e a importância da aprendizagem não ser apenas individualizada, a academia adota nos projetos realizados com as crianças nas escolas, tanto no clube quanto na academia, a aprendizagem colaborativa.

Considerando a contribuição para que aprendizagem seja realizada de maneira colaborativa, incentivando que o conhecimento seja compartilhado entre os participantes, por meio de trabalhos em equipes, é através da interação que ocorre a aprendizagem colaborativa entre os alunos, do compartilhamento de vivências sociais e culturais, ideias e práticas sociais; assim, os alunos aprendem a cada momento, trocam experiências e dividem saberes adquiridos ao longo do curso.

Tendo em vista que as tecnologias estão incorporadas no ambiente que as crianças vivem, surge uma necessidade de trabalhar com elas o desenvolvimento das habilidades digitais, em que se ensine como utilizar o meio digital e os recursos que este propicia indo além apenas do entretenimento.

Trabalhar com as crianças nos projetos o letramento digital, ao ensinar os recursos tecnológicos, estudo de ferramentas e softwares educativos que as ajudem nas atividades pedagógicas. Permite a estas crianças explorar o meio digital no ambiente educativo, através de jogos educacionais criados e utilizados para unir práticas educativas com recursos das novas tecnologias em ambientes lúdicos, estimulando e enriquecendo as atividades de ensino e aprendizagem. A tendência, hoje, é de que as tecnologias da informação ampliem a presença nas práticas de ensino e, nesse contexto, entende-se que os jogos digitais educacionais podem ser elementos importantes para enriquecer aulas e ambientes virtuais de aprendizagem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo meu memorial com a seguinte citação:

“O ser humano é, naturalmente, um ser de intervenção no mundo à razão de que faz a História. Nela, por isso mesmo, deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de objeto”.

Paulo Freire (1997, p. 119).

Ao concluir este trabalho, percebo a relevância de rememorar o caminho acadêmico, pelas memórias da minha caminhada como aluna de graduação, de observar que muitas angústias que me foram preferidas, inclusive após desistência do curso de Letras por receio ao aumento da violência aos professores, puderam ser superadas na Pedagogia que foi onde me encontrei. As angústias, que de alguma forma permaneceram no curso de Pedagogia, em breve serão transformadas, no decorrer das experiências que estou adquirindo; o medo que antes existia foi transformado em esperança de poder fazer um bom trabalho como pedagoga.

Atualmente, percebo que o aprendizado acadêmico foi de grande valor para o meu conhecimento e a minha atuação em sala de aula. Se não fossem os docentes aconselhando os caminhos a serem trilhados e partilhando novos conhecimentos teóricos e distintas práticas pedagógicas, com certeza, no momento de atuar em uma escola, não teria o preparo necessário para enfrentar as diversas situações e dificuldades que seriam encontradas.

No decorrer do curso de Pedagogia, pude reavaliar minha prática e melhorar, crescer como pessoa e como profissional e, com isso, independente de qual é o melhor método ou teoria, o meu principal papel, como professora, é ensinar e aprender com as crianças que estão comigo e que passarão por mim durante minha trajetória como docente.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. S. M.; SILVA, M. I. M. S.; ARAÚJO, P. R. C.; TAVARES, L. B. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade\\_4datahora\\_14\\_08\\_2014\\_11\\_00\\_56\\_idinscrito\\_33096\\_5d7693d8092602cfe2e5d60a31069460.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_4datahora_14_08_2014_11_00_56_idinscrito_33096_5d7693d8092602cfe2e5d60a31069460.pdf)>. Acesso em: 03 dez. 2016.
- ALMEIDA, P. N. de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.
- ANGOTTI, M. **Educação Infantil, Para quê, Para quem e Por quê**. Campinas: editora Alínea, 2006.
- ANTUNES, C. **Jogos para estimulação das Múltiplas Inteligências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O jogo e a educação infantil: falar, e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir, fascículo 15**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília: MEC/SEF. 1998.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 2005.
- CASTRO, A. M. D. A. (et al). **Gerencialismo e educação: Estratégias de controle e regulação da gestão escolar**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- FREIRE, P. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREITAS, Katia Siqueira de; (et al). **Política educacional – Gestão e qualidade do ensino**. Brasília: Liber Livro, 2009.
- KOEHLER, S. M. F. **Violência Psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor aluno**. In. La nueva alfabetización: un reto para la educación del siglo XXI. Anais...Salvador: SMEC, 2008. P. 1-13.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. Tradução de Jorge Constante Pereira e revisão de Ruy de Oliveira e Henrique Fiuza. Lisboa: Edições 70, 1986.
- MORAES, A. S. (2001). **Análise estrutural e funcional da brincadeira de crianças em idade pré-escolar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2011.



MOREIRA, L. C. P. **Pedagogia e Educação: a construção de um campo científico.** 2007. 155 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente.** Natal: EDUFERN, São Paulo: Paulus, 2008b. p. 179- 253.

PEREIRA, J. T. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, C. V; RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e práticas pedagógicas.** 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança – imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **O raciocínio na criança.** Rio de Janeiro: Real, 1967.

PRÄSS, A. R. **Epistemologias do século XX.** 2008. 80 f. (Monografia apresentada na disciplina Fundamentos Epistemológicos para a Pesquisa em Ensino de Física). Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: < [http://www.fisica.net/monografias/Epistemologias\\_do\\_Seculo\\_XX.pdf](http://www.fisica.net/monografias/Epistemologias_do_Seculo_XX.pdf) >. Acesso em: 21 nov. 2016.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. \_\_\_\_\_ . Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2004.

SOUZA, M. R. Violência nas escolas: causas e consequências. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação,** Aparecida de Goiânia, v. 2, n. 2, p. 119-136, 2008.

VASCONCELOS, C. S. **Para onde vai o Professor?** Resgate do Professor como sujeito de transformação. 10 Ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WADSWORTH, B. **Inteligência e Afetividade da Criança.** 4. Ed. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1996.

XAVIER, A. C. S. **Letramento Digital e Ensino.** Disponível em < <https://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> >. Acesso em 20 nov. 2016.